

SOBRE A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DA IDENTIDADE HUMANA EM CHARLES TAYLOR

ON THE DIALOGICAL CONSTITUTION OF HUMAN IDENTITY IN CHARLES TAYLOR

Adriano Tadeu Ulbrich¹
Douglas João Orben²

Resumo

O presente artigo procura discorrer sobre a identidade humana, tratando de sua crucialidade dentro do pensamento filosófico. Para isso, a discussão mostra-se alinhada ao pensamento do filósofo canadense Charles Taylor, ao tratar que o fortalecimento da identidade depende de relações significativas evocadas pelo indivíduo e sua própria realidade. Nesse sentido, entende-se que a partir do reconhecimento de concepções e estruturas normativas, o ser humano é capaz de alcançar um posicionamento dentro da sociedade, bem como de encontrar o esclarecimento acerca de sua individualidade dentro de um horizonte valorativo. Dessa forma, este estudo aponta para a inautenticidade presente em posturas que proporcionaram o desprendimento do homem com sua realidade e com o significado histórico que esta carrega. Dado os traços modernos de um esquecimento do caráter formativo do diálogo, esta investigação parte da constatação de que o afastamento do agente humano com o próprio passado pode ser interpretado como a desorientação de uma vida que, enquanto continuidade narrativa, encontra na história referência para o seu desdobramento. Sendo assim, baseando-se no pensamento de Taylor, reconhece-se o caráter fundamentalmente dialógico da existência humana e sua prioridade na formação e orientação da pessoa.

Palavras-chave: identidade; autenticidade; constituição dialógica; Charles Taylor.

Abstract

The present study seeks to discuss human identity, dealing with its cruciality within philosophical thought. For this, the discussion is aligned with the thought of the Canadian philosopher Charles Taylor in treating that the strengthening of identity depends on meaningful relationships evoked by the individual and his own reality. That said, it is understood that through the recognition of conceptions and normative structures, man is able to reach a position within society, as well as to find enlightenment about his individuality within a valorative horizon. In this way, this study points to the inauthenticity present in postures that provided the detachment of man with his reality and with the historical meaning it carries. Given the modern traces of a forgetfulness of the formative character of dialogue, this research starts from the observation that the detachment of the human agent with his own past can be interpreted as the disorientation of a life that, as narrative continuity, finds in history a reference for its unfolding. Thus, based on Taylor's thought, we recognize the fundamentally dialogical character of human existence and its priority in the formation and orientation of the person.

Keywords: identity; authenticity; dialogical constitution; Charles Taylor.

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria - RS. E-mail: adrianotad05@gmail.com

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas -RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: douglasorben@hotmail.com

Considerações iniciais

O presente trabalho possui como objetivo primeiro realizar uma abordagem acerca da identidade humana e sua posição dentro do pensamento filosófico. A partir disso, o conceito de identidade será tratado conforme a perspectiva do filósofo canadense Charles Taylor. Desse modo, em vista de promover a compreensão do tema em debate, buscar-se-á resgatar a centralidade do caráter dialógico da vida humana.

Posto isso, dar-se-á destaque ao pensamento de Taylor no que se refere à constatação de um ideal moral contemporâneo, a partir do qual a autenticidade usufrui de particular sentido. Sendo um traço do individualismo, este ideal acentua uma disforme compreensão da identidade humana. A ideia de que os indivíduos têm sua liberdade legitimada no rompimento dialógico com a tradição e demais estruturas normativas caracteriza esta concepção. Nesse sentido, confere-se à liberdade o primado na constituição da identidade, à medida que se apregoa a necessária busca pela originalidade de cada ser humano. Por isso, situando o problema da investigação, o presente trabalho também questionará a consistência desta identidade que se autodeclara autêntica.

A partir do exposto, estabelece-se a justificativa deste empreendimento. A instrumentalização das instituições, associações e relações humanas atesta para a tarefa de repensar a identidade humana sob a reflexão filosófica. Sendo uma pesquisa de cunho teórico-bibliográfico, o seu desenvolvimento decorrerá da análise da literatura consultada e selecionada. Desse modo, os escritos taylorianos possuem centralidade na verificação e aprofundamento da temática em estudo. Logo, as questões procedentes desta averiguação serão sistematizadas, naquilo que se define a estruturação teórica deste trabalho.

1 - A conceitualização da identidade

Discorrer sobre a identidade humana configura uma ação genuinamente filosófica. As raízes dessa asserção não são recentes, mas encontram sua origem no pensamento herdado pela nascente filosofia. Queremos dizer que a pergunta sobre o humano é inextinguível do próprio seio do pensamento filosófico; como também representou ser de seu alicerçamento.

As indagações da filosofia cosmológica, como exemplo disso, mostraram que as concepções de ser humano estavam vinculadas ao posicionamento do homem dentro da própria realidade. Indica-se necessário recordar o pensamento do filósofo alemão Ernst Cassirer (1874 - 1945) neste estudo. Na obra *Ensaio sobre o homem* (1944), o pensador assinala que as primordiais explicações mitológicas acerca do universo apresentaram uma estreita relação entre uma antropologia e cosmologia primitivas. Conforme ele, “a questão da origem do mundo está

inextricavelmente entrelaçada com a questão da origem do homem” (CASSIRER, 1994, p. 13). A partir desta relação entre a realidade e o homem, exposta pelo autor, permite-se conceber que a explicação do humano requer uma interpretação do espaço onde este está inserido. De sua relação com a natureza, progressivamente se estabeleceram definições de sua identidade, bem como o firmamento de perspectivas que asseguraram sentido a sua existência. De semelhante maneira, dentre as diferentes escolas filosóficas, o conhecimento acerca do homem sempre se conservou a meta da indagação filosófica (CASSIRER, 1994).

A partir disso, queremos alinhar dadas percepções ao presente estudo que, em suma, busca empreender uma necessária abordagem sobre a figura humana. Nesta primeira parte, portanto, delimitamos a discussão ao tratar a relação do homem com as compreensões dispostas sobre a sua identidade. Como indicado pela filosofia contemporânea, o homem é o único dos seres capaz de sustentar estranhamento diante de si mesmo, donde se constata que o humano pode se fazer objeto de problematização³.

Podemos compreender dado estranhamento como uma postura em que sua presença no mundo torna-se elemento de indagação. Trata-se, em outros termos, de uma atitude reflexiva do humano acerca de sua condição no mundo. O próprio homem é consciente de sua contingência, a saber, dos limites que apontam para sua fragilidade e mortalidade. De forma a situar este argumento, ainda que pontualmente, favorece citar a abordagem existencialista dentro do pensamento filosófico. Nesta direção, alguns conceitos desenhados pela mesma indicam que o reconhecimento do homem e de seu posicionamento na realidade passam pela reflexão em torno da sua finitude. Portanto, o estranhamento encontrado na condição humana também assinala um caminho dialógico, pelo qual se eleva uma postura frente a circunstâncias que definem a realidade humana. Diante desta afirmação, podemos pensar o conceito de autenticidade em duas perspectivas, como um acolhimento desta estranheza ou enquanto afastamento daquilo que oferece significado a uma identidade.

Esta última perspectiva, por sua vez, sugere que discorrer sobre o autêntico reclama uma abordagem do inautêntico. Neste ponto, repousa uma importante distinção para nossa investigação. Partimos da suspeita de um esquivamento do ser humano aos elementos que fundamentam o horizonte de reconhecimento de sua própria identidade. Com este viés, tomaremos como referência as discussões do filósofo canadense Charles Taylor. Notável

³ Dentre os pensadores da contemporaneidade, destacamos Martin Heidegger (1889-1976). Na obra intitulada *Ser e Tempo* (1927), o filósofo sistematiza uma crítica às definições clássicas acerca do homem que resultaram no esvaecimento do próprio conceito de ser. Portanto, a pergunta sobre o ser, recolocada em questão, eleva-se como a mais premente das atividades humanas.

pensador do período contemporâneo, podemos encontrar em Charles Taylor, ao lado de outros filósofos como Michael Sandel e Alasdair MacIntyre⁴, a representação da filosofia política comunitária. A teoria comunitarista sistematiza uma crítica ao pensamento político liberal que, segundo os comunitaristas, se assenta em um conceito racionalmente abstrato de sujeito (ARAÚJO, 2004, p. 12).

Importa situar essa discussão inicial dentro do pensamento heideggeriano, sobretudo ao enfatizar que o pensador recupera o sentido do ser analisando-o em sua facticidade histórica. Ora, disso se segue que a existência humana é o modo de ser do homem, sendo que somente posso compreendê-lo uma vez que o reconheço sob um horizonte transcendental (COLOMER, 1990). Com transcendental, o autor reconhece o tempo como condição e possibilidade na qual se permite o questionamento sobre o ser. Em suma, o tempo não se submete a uma categorização a ponto de determiná-lo como fora ou dentro do homem; porém, se mostra o próprio modo de ser do homem. Toma-se como inegável que o homem está inserido na história e que suas ações e projetos estão circunscritos e condicionados ao campo da temporalidade. De maneira semelhante, todos os objetos estão sujeitos a este horizonte. Todavia o ser humano, sobressaindo-se entre os seres, pode fazer desta sujeição objeto de seu questionamento. Sabemos que a natureza está subjugada a uma ordem natural de geração e corrupção. No entanto, somente o homem pode defrontar racionalmente esta natureza, fazendo dela objeto de sua indagação. A partir disso, pode-se elevar a inquietação como qualidade primeira de todo exercício filosófico. Reconhecemos que de sua inata vulnerabilidade, o humano já tem traçado um panorama de sua condição no mundo. Disso se segue a análise e o escrutínio executados por sua própria razão em vista de alcançar o esclarecimento acerca de si mesmo (CASSIRER, 1994).

Em todo o canto, o humano parece assombrado pela debilidade de sua natureza, de maneira que a pergunta sobre sua existência sempre usufrui de um caráter de novidade e legitimidade. Atribuímos estes qualitativos a esta pergunta entendendo que sua interpretação ocorre em contextos diferentes sendo realizada por histórias individuais em épocas e circunstâncias específicas.

Além disso, a centralidade da busca pela identidade conserva, em seu âmago, a marca da mortalidade que se une à existência humana. Podemos, ainda que a grosso modo, associá-la a um ferimento que nunca alcançou completa cicatrização dentro do pensamento filosófico.

⁴ Conforme a tese defendida pelos citados pensadores, as teorias desenvolvidas pelo liberalismo mostram-se alheias ao contexto social dado que, ao priorizar temas como direito individual e procedimentos formais, concebem sujeitos desprovidos de contexto e identidade comunitária (FORST, 2010).

Portanto, semelhantemente às crises de dor que despertam um ferido de sua letargia, dessa maneira também se explica a lucidez encontrada dentro das ciências humanas para um dos maiores dilemas humanos, a finitude.

Se procurássemos destacar as principais ideias de uma civilização, em suma, estaríamos discorrendo sobre a maneira como os indivíduos responderam coletivamente a temas que figuraram um limite à sua compreensão e que, não raramente, se mostram imbuídos de misticidade. A comum passagem da adolescência à vida adulta, como exemplo disso, encontrou uma interpretação para além de um discurso científico-descritivo. A partir de uma linguagem simbólica, empregou elementos que apontavam para o ininteligível. Dessa forma, muitos dos acontecimentos que impactaram uma mesma comunidade não estavam suscetíveis a uma descrição procedimental. Nada obstante, encontraram sentido depois que incorporados simbolicamente em uma cultura. Buscamos indicar que a consciência da morte encontrou diferentes representações na história da humanidade, e assim pôde ser representada não em virtude do que revelou, mas no quanto ocultou da razão humana.

Portanto, os limites assentes sobre o próprio conhecimento humano constituíram o horizonte possível de toda explicação. Restringindo essa afirmação à esfera epistemológica, verificamos que os limites daquilo que o homem pode conhecer constituem, simultaneamente, objeto e alavancamento para o pensamento epistemológico. Para as demais ciências, pode-se indicar a mesma condição. Sendo assim, a delimitação de seu campo de estudo também reside na inesgotabilidade do real.

1.1 - Parâmetros de pensamento

Os conceitos formulados sobre a identidade humana não cumprem a função de selar uma área do saber. Não anunciam a conquista definitiva de um território antes desconhecido e que agora permite à razão transitar sem restrições. Se assim fosse, claramente, seríamos testemunhas do padecer do conhecimento.

Diferente disso, o saber aplica-se a fragmentos da realidade onde se percebe que a natureza humana tem seu mistério estendido e aprofundado, dito que o desconhecido mostra sua face quanto mais buscamos retirar-lhe todo prefixo de indeterminação. Aplicamos esta consideração à identidade ao considerar que “mesmo que conseguíssemos coletar e combinar todos os dados, teríamos uma imagem pobre e fragmentária - um mero esboço - da natureza humana” (CASSIRER, 1994, p. 11).

O entendimento gerado sobre o homem, de igual modo, conquistou novas fórmulas ao passar da história. Tal impressão pode ser facilmente verificada ao se empreender um resgate

conceitual sobre o termo. Dessa maneira, se assim empreendêssemos, poderíamos julgar que o progresso de uma sociedade edifica consigo novos parâmetros sobre os quais o homem é pensado. Incapaz de se furtar às tendências deste progresso, e suscetível à conceitualização, a identidade humana encontrou diferentes cenários sobre os quais interpretou distintos papéis.

Paradoxalmente, a modernidade começou a protagonizar a sedimentação do próprio indivíduo e de um sólido entendimento sobre este. Pensamos que, gradualmente, a conjuntura social proporcionou parâmetros que se mostraram demasiadamente enfraquecidos para favorecerem uma clara noção de pessoa⁵. Em suma, pensar o humano sem possuir estruturas de pensamento devidamente fortalecidas suporta preocupantes repercussões. Ainda mais, se estas estruturas parecem instáveis, deve-se atentar para a razão disto. A causa para esta debilidade pode se encontrar na renúncia a elementos basilares que permitem pensar o humano na sua integralidade. Nesta altura da discussão, focamos para o homem e o afastamento de seu passado; para o homem e uma suposta rejeição ao caráter constitutivo-histórico de sua identidade.

2 - O esquecimento do passado

A partir do exposto, consideramos interessante denominar o nosso problema como um abandono radical da historicidade. Sobre esta direção, assinalamos para a subestimação do passado no que se refere à constituição de uma individualidade. As extensões relativas a este problema não se limitam a uma decisão pontual e fixa, dada pelo abandono do passado, como se, outrora, um indivíduo pensasse legitimar em nome dos demais tal esquecimento.

Trata-se, mais amplamente, de um processo alicerçado na descentralização de princípios que regiam o todo social. Acerca desta afirmação, encontramos no pensamento de Charles Taylor uma via para o desenvolvimento do tema. Em *Uma era secular*, o filósofo introduz seu discurso tratando da fé em Deus e de sua relevância para a sociedade, mencionando que “se recuarmos alguns séculos em nossa civilização, veremos que Deus estava presente [...] numa grande quantidade de práticas sociais - não apenas políticas - e em todos os níveis da sociedade” (TAYLOR, 2010, p. 14).

Convém dirigir nossa atenção ao comentário do pensador, notando que a ideia de Deus formalizou um importante conceito sobre a identidade humana, ao tempo que ofereceu ao homem uma explicação teológica sobre sua existência. Portanto, a noção de Deus alcançou um *status* axiomático dentro da esfera social; cenário que não pode ser concebido atualmente posto

⁵ Entendemos que a noção de *pessoa* reclama um sentido particular; porém, para a continuidade desta discussão, a empregaremos como um termo correspondente à identidade humana.

que, conforme assinala o pensador, a crença fora convertida em uma possibilidade entre tantas. Ainda assim, podemos ampliar esta impressão ao verificar, a partir de Taylor, que

[...] se recuarmos ainda mais na história da humanidade, chegaremos a sociedades arcaicas nas quais todo um conjunto de distinções que estabelecemos entre aspectos religiosos, políticos, econômicos, sociais etc. de nossa sociedade deixam de fazer sentido (2010, p. 14).

Com base nisso, entendemos que os aspectos, mencionados pelo autor, mantiveram estreito vínculo com as próprias convicções do homem a grau de, como buscamos defender, desempenhar um papel de significação e estruturação de sua consciência identitária. Outrossim, estes conjuntos sustentaram um quadro maior que o mesmo autor denomina de *background*⁶, uma vez entendido que "todas as crenças se sustentam dentro de um contexto ou quadro tido como certo, que geralmente permanece tácito e pode até não ter sido reconhecido ainda pelo agente por jamais ter sido formulado" (2010, p. 27).

O filósofo aceita um espaço propício onde o indivíduo encontra o reconhecimento de si mesmo à medida que tem neste domínio o embasamento de suas crenças, valores e princípios. Assim sendo, "apenas se existo em um mundo no qual a história, ou as demandas da natureza, ou as necessidades de meus pares seres humanos, ou as obrigações da cidadania, ou o chamado de Deus, ou alguma coisa dessa ordem importa crucialmente, eu posso definir uma identidade para mim que não é banal" (2011, p. 49-50). Diante disso, ao reconsiderar a renúncia ao passado como o ponto crucial desta discussão, também estamos assinalando uma outra impressão. Em questão, mencionamos a ruptura moderna deste quadro de crenças. Evidentemente, a modernidade apresentou como uma de suas principais faces a elevação do ideal racional, enquanto instrumento primeiro da autonomia humana.

2.1 - Desmistificação do mundo

O exercício científico culminou na desmistificação do mundo, recobrando as explicações anteriores de um sentido meramente alegórico e, portanto, insuficiente para oferecer uma leitura sistemática da realidade. Desta forma, chegou-se a um novo contexto dentro do qual o abandono a explicações sobrenaturais significa superar os resquícios da ingenuidade humana. Nesta direção, as proposições que foram formuladas acerca do humano parecem desacreditadas, porque, assim se concebe, têm sua origem em um período onde o homem estava na infância de

⁶ O termo traduzido do inglês, entre outros sentidos, corresponde a *contexto*, *plano de fundo*. Durante este escrito, também utilizaremos a expressão *horizonte* como uma variante para a palavra *background*.

sua racionalidade. Nesta afirmação, encontramos um dos contornos do que o autor compreende por secularismo.

Para o autor, entre outras noções, a sociedade moderna parece demarcada pela condição em que a busca pela plenitude acontece e se mostra compartilhada por todos (TAYLOR, 2010). O elemento que acrescenta a esta condição uma face distinta, e até com maior incidência sobre a relação do homem com suas convicções, está no fenômeno que o pensador denomina de humanismo exclusivo ou autossuficiente.

Interessa observar que esta modalidade de humanismo, enquanto manifestação de uma perspectiva de pensamento, não tem sua origem dentro da sociedade moderna. Isto porque Taylor reconhece que a mesma se apresentava como doutrina filosófica dentro da antiguidade filosófica (2010, p. 33). Referimo-nos a um pensamento que declara a autossuficiência do ser humano, ao tempo que atribui ao transcendente, deuses e forças divinas, inoperância sobre o destino e a realidade humana.

Na modernidade, de acordo com o autor, este humanismo atingiu diferentes proporções uma vez que não se limitou a habitar em um círculo de pensadores, mas se converteu em uma opção disponível para todas as pessoas. Se outrora o ser humano estava inserido em um horizonte onde eram oferecidas condições positivas à crença, o desaparecimento destas tornou possível a adoção deste humanismo. Para mais, este humanismo portou consigo referências de plenitude destituídas de qualquer pressuposto transcendente⁷.

De acordo com o filósofo, o desencantamento do mundo proporcionado pela ciência certamente favoreceu a adoção destas perspectivas. Nada obstante, diferentes constantes também favoreceram a manutenção deste cenário. Entre elas, uma nova definição sobre o *self*⁸, o agente humano moderno. A expressão *self* é constantemente utilizada pelo pensador. O termo pode ser traduzido como uma referência ao agente humano moderno ou contemporâneo. Na obra *As fontes do self*, o filósofo esclarece essa acepção ao escrever que “somos um *self* na medida em que nos movemos em certo espaço de indagações, em que buscamos e encontramos uma orientação para o bem” (TAYLOR, 2013, p. 52). Ao encontro desta afirmação, o filósofo acrescenta que “uma condição fundamental para isso foi um novo sentido do *self* e de seu lugar no cosmos: não aberto, poroso e vulnerável a um mundo de espíritos e poderes, mas, sim, o que quero chamar de ‘protegido’” (TAYLOR, 2010, p. 43).

⁷ Assume importância indicar que “a existência de Deus ou de outros espíritos não é negada pela compreensão moderna do mundo, mas tal compreensão situa a crença em um domínio no qual fica aberta à dúvida, ao questionamento, às explicações mediadoras e coisas afins” (TAYLOR, 2010, p. 48).

⁸ Nas traduções de seus escritos encontramos a conservação da palavra em inglês.

O comentário do pensador permite notar que a rejeição aos pressupostos religiosos⁹ também configura a modificação da consciência disposta sobre a pessoa. Enquanto tratamos da desconstituição de um horizonte em um mundo onde as formulações eram estritamente metafísicas, também estamos discorrendo acerca da desconstituição de narrativas que significaram o campo da experiência humana¹⁰. Chegamos, portanto, ao cerne de nossa discussão ao tocarmos na ideia de identidades constituídas. Desse jeito, queremos indicar que o fortalecimento de uma individualidade está diretamente vinculado a uma linha narrativa.

Para o autor, é perceptível que o *self* gerado pelo desencantamento do mundo trouxe consigo uma nova configuração sobre a relação do humano com sua história. Não seria equívoco defender que esta nova configuração é marcada pela ideia de descontinuidade de uma vida, a partir da qual verificamos o enfraquecimento de vínculos que conferem a uma existência o atributo de unidade.

Acerca disso, Taylor oferece um esclarecimento sobre o agente humano moderno ao considerar que “sendo um *self* limitado, consigo ver a fronteira como uma proteção, tal que as coisas além não precisam ‘chegar até mim’, [...]. Esse *self* pode ver a si mesmo como invulnerável, como senhor dos significados das coisas para ele” (2010, p. 56). Podemos compreender que estamos tratando de identidades que, rejeitando um contexto amplo sobre o qual se inscreve sua individualidade, procuram legitimar sua individualidade por meio do auto-ordenamento de sua vida.

3 - Dialogicidade de uma identidade

Nesta investigação, nosso empreendimento não está em negar a autonomia do indivíduo moderno e, tampouco, contemporâneo; mas sim em apontar para o enfraquecimento do humano diante ao consciente¹¹ esquivamento das condições que modelam sua estatura identitária. Trata-se de uma ação consciente, uma vez que se refere à adoção de um pensamento dentro de uma individualidade estabelecida. Queremos nos afastar da ideia de que o humanismo exclusivo seja um substrato da identidade ou do contexto onde esta se insere. Perante isso, procuramos assinalar a identidade dentro de um caminho dialógico pelo qual as conexões sustentadas e,

⁹ Tomamos aqui, neste parágrafo, a expressão *religioso* em um sentido amplo, não o restringindo ao âmbito da crença em Deus. Sendo assim, queremos associá-la às explicações que as comunidades formularam sobre o mundo e que serviram de elo para a edificação e fortalecimento de sua identidade comunitária.

¹⁰ O filósofo francês Paul Ricoeur estabelece uma discussão sobre o caráter narrativo da história humana. Segundo ele, o ser humano é constantemente afetado pelo seu próprio passado, visto que sua vida se identifica a uma unidade narrativa.

¹¹ Trata-se de uma ação consciente, uma vez que se refere à adoção de um pensamento dentro de uma individualidade estabelecida. Queremos nos afastar da ideia de que o humanismo exclusivo seja um substrato da identidade ou do contexto onde esta se insere.

inclusive, previamente consolidadas definem quem eu sou. Em razão disso, minha autonomia somente pode ser efetivada dentro de um horizonte definido de significados. Logo, o elemento dialógico usufrui de importância dentro do que estamos tratando. Contudo, acerca de quais conexões estamos nos referindo? Procuramos delimitar uma resposta ao citar que

[...] a cultura moderna desenvolveu concepções de individualismo que retratam a pessoa humana como, ao menos potencialmente, um ser que encontra suas coordenadas dentro de si mesmo, que declara independência das redes de interlocução que o formaram originalmente ou, ao menos, as neutraliza. É como se a dimensão da interlocução só tivesse significação para a gênese da individualidade, tal como o andador na creche, e devesse ser deixada de lado sem desempenhar nenhum papel na pessoa acabada (TAYLOR, 2013, p. 56).

A indefinição da identidade humana recobra-nos uma característica proeminente do indivíduo moderno. Referimo-nos à constante tentativa de autenticar sua individualidade, agregando à sua existência um selo de originalidade. Deste sentimento moderno, seguiu-se a ideia de que a conquista da autenticidade reivindicava um movimento de ruptura com o passado e escusa aos padrões vigentes em sociedade. Sobre este último, relacionamos outro fenômeno constatado dentro do período contemporâneo, a desobrigação do sujeito quanto a compromissos vinculados ao âmbito da experiência comunitária, especialmente aqueles que se mostram estranhos à autenticidade.

Claramente, como intencionamos indicar, a identidade reclama o diálogo como requisito primaz de uma constituição pessoal. Desse modo, as conexões estabelecidas com a realidade, a mesma onde me encontro, evocam o contato com princípios, valores e fundamentos herdados pela tradição. Portanto, é possível perceber que o meu contexto oferece estruturas já consolidadas sob a forma de padrões e diretrizes, muitas vezes arraigados nesta herança. Por intermédio do que indicamos, pode-se verificar que não estamos defendendo a impassibilidade destes preceitos, mas alegando que a definição de pessoa passa pelo reconhecimento destes, seja pela atitude de afirmá-los ou negá-los. Isto posto, há de se reconhecer a substancialidade destes elementos na tessitura do meu contexto¹².

Diante disso, em consonância com o autor, podemos pensar a instrumentalização do diálogo como o coeficiente para a fragmentação e indefinição do agente humano. Sendo dessa maneira, cremos que não somente o afastamento do indivíduo com o passado culminou na abstração do que consideramos ser uma identidade narrativa; como também a própria

¹² Ao encontro da natureza etimológica do termo “contexto”, do latim *contextu*- “reunido tecendo-se”, resgatamos o sentido de um entrelaçamento entre o indivíduo e a sociedade; segundo o qual as concepções que alicerçam meu contexto dialogam e mantêm um estreito vínculo com as minhas convicções pessoais.

desarticulação do indivíduo com seu contexto a gerou. Considerando seu pensamento, Taylor descreve isso ao destacar que a existência do homem deixou de ser compreendida como uma continuidade segundo a qual todas as experiências humanas confluem a um conceito de pessoa. Dizendo de outro modo, ao indivíduo é como se cada dia estivesse "apenas sucedendo ao outro, sem propósito nem sentido, tornando-se o passado uma espécie de nada que não é o prelúdio nem o arauto, a abertura ou estágio inicial de alguma coisa" (TAYLOR, 2010, p. 65).

Por via disso, podemos identificar um esvaziamento da relação do homem com o passado, a grau de transparecer como se este nada mais pudesse operar sobre aquele. Contudo, a subestimação desta conexão aponta para uma consequência, a desvinculação do indivíduo contemporâneo da esfera pública e sua desorientação quanto a questões morais. Isto porque, conforme Taylor, existe uma importante ligação entre a identidade e o sentido de orientação de forma que "saber quem se é equivale a estar orientado no espaço moral, um espaço em que surgem questões acerca do que é bom ou ruim do que vale e do que não vale a pena fazer [...]" (2013, p. 44).

Daquilo que fora comentado nestas discussões, parece claro que reconhecemos e até dedicamos certa apologia à relação que a pessoa mantém com seu passado; porém o fazemos sem que isso culmine em um descuido quanto ao presente. Na verdade, uma vez que o passado se encontra sedimentado em nosso presente, ao esquecê-lo, "ficamos condenados a identificar mal a nós mesmos na medida em que não podemos fazer justiça ao lugar de onde viemos" (TAYLOR, 2010, p. 45). Logo, recuperamos a noção de que a relação que o indivíduo sustenta com a realidade se dá pelo diálogo com estruturas cuja gênese não se deve a uma ação individual e espontânea. Aludimos a princípios presentes em sociedade que, embora intangíveis, conservam-se radicados em meu contexto.

A comunicação que mantenho com esse contexto, portanto, situa-me em uma dinâmica capaz de formar e fortalecer minha identidade enquanto me relaciono com estruturas do passado e defino um posicionamento dentro da realidade presente. Neste viés, o diálogo sobrepõe qualquer atribuição que possa lhe reservar um papel secundário ou provisório sobre a constituição humana. De acordo com Taylor:

[...] saber quem sou é uma espécie de saber em que posição me coloco. Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição (2013, p. 44).

Nesta direção, constatamos que a relação com o outro também usufrui de importância dentro deste processo. Na obra *A ética da autenticidade*¹³, o pensador desenvolve isto ao discorrer sobre a aquisição da linguagem e do próprio entendimento que o ser humano é capaz de elaborar de si mesmo. Disso se segue que a manutenção da identidade humana também depende desta dimensão dialógica. Além do mais, para Taylor, "a maneira mesma como andamos, nos movemos, gesticulamos e falamos é moldada desde os primeiros momentos por nossa consciência de estar na presença de outros, de nos encontrarmos em um espaço público [...]" (2013, p. 30).

3.1 - Liberdade e autenticidade

Na obra que mencionamos acima, Taylor também assinala para o deslocamento do acento moral sobre a própria noção de autenticidade (2011, p. 36). O debate realizado pelo pensador torna-se ainda mais relevante ao apontar para uma compreensão equívoca sobre esta noção, sobretudo ligada a uma noção distinta de liberdade. Na sociedade contemporânea, percebe-se que a liberdade assume o papel de uma razão justificadora que, por si mesma, determina o que realmente importa ou possui valor (TAYLOR, 2011, p. 46).

Neste entendimento, a liberdade indica ser autodeterminante à medida que estabelece o significado de uma vivência. A liberdade autodeterminante, ao querer legitimar o que é realmente significativo à vida humana, dispensa quaisquer estruturas morais ou espirituais preexistentes. Contudo, como assinalado anteriormente, destas disposições sociais dependem a formação de um horizonte valorativo que, dentro de um campo amplo de opções, permite o posicionamento do indivíduo na sociedade.

Para o filósofo comunitarista, a negação destas demandas culmina no enfraquecimento da identidade humana. Deste modo, conforme Taylor, "o agente que procura significado na vida, tentando se definir de maneira significativa, deve existir num horizonte de questões importantes" (2011, p. 49). Disso, reafirmamos que a identidade do agente humano apoia-se em demandas sociais que estão além de si mesmo. Desse ponto, a ideia de que um valor instrumental pode ser atribuído às instituições e demais estruturas comunitárias mostra-se em desacordo com o esclarecimento de minha própria identidade. Indicamos que as vivências comunitárias, assentes em tradições, são condição de fortalecimento da identidade humana,

¹³ Nesta obra, Charles Taylor concentra-se em debater sobre três males modernos. O primeiro deles, como procuramos abordar, está ligado ao enfraquecimento dos horizontes morais e a perda de significado. Como segundo mal, o autor descreve o fenômeno da razão instrumental, enquanto um tipo de racionalidade predominante sobre as relações sociais e políticas. Por fim, ele aborda um terceiro mal que, por sua vez, mostra-se sob a forma de uma perda de liberdade dada pela alienação do indivíduo com a esfera pública.

posto que “um dos sinais distintivos da força do *self* é a capacidade de mergulhar na tradição e conservar sua singularidade” (MAY, 1988, p. 172). Com isso, distintamente do que pensa o *self* contemporâneo, sugerimos que a esfera do comunitário não é elemento cerceador da identidade e originalidade humana.

Com isso, afirmamos que as interações sociais proporcionadas dentro de uma comunidade são fundamentais na constituição e no fortalecimento da identidade pessoal. Disso se segue o caráter dialógico da vida humana, como evocado por Taylor (2011, p. 42). Discutindo o sentido do monológico e do dialógico no pensamento tayloriano, Araujo salienta que:

[...] sair da ideia monológica significa sair da concepção equivocada do liberalismo, que acredita na formação da identidade do indivíduo através do desenvolvimento da sua capacidade racional. Sendo assim, a concepção dialógica da vida humana traz à tona a importância da linguagem como instância *sine qua non* para o movimento da reflexão do agente no que se refere à construção da sua identidade (ARAUJO, 2004, p. 176, grifo do autor).

O conceito de autenticidade, adotado pelo *self* moderno, permite o sustento a um modo de liberalismo. Esse pensamento apregoa a neutralidade do indivíduo diante de assuntos ligados à vida social. Conforme o autor, um dos princípios dessa compreensão “é de que uma sociedade liberal precisa ser neutra a respeito de questões sobre o que constitui uma vida boa” (TAYLOR, 2011, p. 27). Dessa forma, percebemos o descrédito dado sobre a dimensão do diálogo ou, então, o atributo instrumental conferido a ela. De outra forma, concebemos a impossibilidade de que a renúncia ao diálogo seja condição para uma existência autêntica. A constituição da identidade humana, bem como o reconhecimento desta, vincula-se à constante relação dialógica do indivíduo com o mundo circundante.

Em síntese, a desvalorização do diálogo comprova o afastamento da própria ética em assuntos associados aos fenômenos da sociedade. Dentro da esfera social contemporânea, o ideal da autenticidade encontra-se consolidado na imagem de um subjetivismo moral. Consolidação que se afirma no deslocamento do pensamento ético a um campo restrito de ação. Com efeito, o discurso que proclama a ruptura do indivíduo com convenções social e historicamente estabelecidas justifica-se na necessidade de salvaguardar uma liberdade individual. Instaure-se, dessa forma, uma compreensão desacertada sobre a formação e legitimidade de uma identidade. Como consequência, sinalizamos para o desenvolvimento de

um *self* que confia no próprio ordenamento moral¹⁴ (TAYLOR, 2010, p. 43). Nessa nova configuração, o agente humano eleva a sua capacidade de escolha como referência para uma vida autêntica, a ponto de desfazer daquelas balizas morais que suportavam um projeto de vida.

A partir da história do agente humano, estruturam-se narrativas capazes de orientá-lo em um contexto. Segue-se a importância dos construtos sociais no que diz respeito à prática do sujeito. A ideia de um rompimento com a história sugere a descontinuidade de uma narrativa cuja máxima se define pelo *self-made man*. Nesta definição, a autenticidade humana é deslocada à relação monológica do homem consigo mesmo enquanto isento de interferências exteriores.

Porém, na impossibilidade de uma completa neutralidade do indivíduo quanto a questões externas, ressaltamos a fragilidade dessa ideia. Ainda que as escolhas realizadas pelo agente deem prova de sua iniciativa, elas ocorrem em uma esfera ampla de costumes, concepções e valores. Os elementos que compõem esta esfera moldam a consciência e as opções do sujeito, ainda que isso se dê em uma atitude de negação a eles.

O *self* moderno, segundo o autor, não se estende unicamente à negação das demandas externas. De outra forma, confirma-se protegido, distante e desengajado destas questões (2010, p. 56). Diz-se de um sujeito invulnerável ao que se encontra fora de sua mente, por sua vez, vista como aquela que atribui significado e validade ao mundo¹⁵.

Recorrer aos processos modernos torna-se via primordial para o entendimento da autenticidade em seu sentido contemporâneo. Nesse sentido, para o autor, a modernidade fundou-se em uma forma de individualismo que, além de moral instrumental, aproximou-se de um individualismo amplamente difundido ou ‘expressivo’ (2010, p. 555). Taylor denomina essa condição moderna, sob a forma de um *éthos*¹⁶ distinto, como era da autenticidade. O filósofo verifica sobre ela a forma de uma cultura disseminada, enquanto se refere

[...] à compreensão da vida que emerge com o expressionismo romântico do final do século XVIII, dizendo que cada um/uma de nós possui sua própria maneira de realizar nossa humanidade, e que é importante encontrar a si próprio e viver a partir de si

¹⁴ Como destacado anteriormente, Charles Taylor discute o surgimento do humanismo exclusivo moderno baseado em um novo sentido posto sobre o *self* e de sua posição dentro do cosmos. Para o autor, esse fenômeno decorreu do avanço científico no que se refere a um processo de desmistificação do mundo. Nesta formulação, o ser humano não se encontra mais subordinado a forças e fenômenos inexplicáveis. Sugere-se que a ciência permitiu a soberania da razão humana sobre o que antes se explicava pela crença, por exemplo, em narrativas de natureza mitológica.

¹⁵ Tal perspectiva permite um paralelo com a doutrina racionalista de René Descartes. Para o filósofo, a certeza da realidade material passa sob o crivo de uma dúvida radical. Na tentativa de edificar o conhecimento humano em uma certeza basilar, Descartes metodologicamente destituiu de existência tudo quanto excede o ‘eu’ (cogito) pensante.

¹⁶ Designamos, a partir da expressão *éthos*, o conjunto de concepções e práticas que caracterizam uma sociedade em determinada época.

mesmo, em contraposição a render-nos ao conformismo com um modelo imposto a nós de fora pela sociedade ou pela geração mais velha ou pela autoridade religiosa ou política (TAYLOR, 2010, p. 557-558).

Constata-se nisto a formação e disseminação de uma postura, gradualmente, difundida em uma sociedade. Esta cultura sustentou-se no ideal de uma autorrealização humana. Diante disso, o filósofo aponta para a fragmentação deste ideal, como também para seu enfraquecimento de sentido. Segundo ele, o intento de realizar um ideal implica na banalização daquilo que é dado como dispensável a seu cumprimento. Logo, “o fragmento reduzido e simplificado torna-se o limite do nosso mundo moral, a base de um chavão que a tudo abrange” (TAYLOR, 2010, p. 561). Como exemplo dessa conduta, Taylor assinala para a deficiência do conceito ‘liberdade de escolha’, uma vez que fixada como valor primário pelo sujeito moderno. Para o *self* contemporâneo, esta noção de autenticidade manifesta-se sob o contorno de uma forte base ética que, firmada na ordem moral da liberdade e do benefício mútuo, é seguida de um relativismo brando.

Como assegura o autor, a aspiração moderna à liberdade e à individualidade tem negado o que seria um atributo essencial do *self*. Referimo-nos à pertença do agente humano a uma comunidade linguística pela qual se concebe que “só se é *self* no meio dos outros” (2013, p. 53). Nesse ponto, a identidade humana depende de seu posicionamento em um espaço comum de interlocutores. Por isso, “a plena definição da identidade de alguém envolve, em geral, não só sua posição em assuntos morais e espirituais como também alguma referência a uma comunidade definitiva” (TAYLOR, 2013, p. 56).

Desse modo, a participação do indivíduo dentro de um espaço moral permite redefinir a ideia de uma vida autêntica. Nisto reside a qualidade narrativa da identidade pessoal, na medida em que “estrutura o *self* de modo a torná-lo ciente dos seus movimentos em direção àquilo que ele projeta para si mesmo como agente moral” (ARAÚJO, 2004, p. 152). A construção de um projeto pessoal e original reconhece a participação do *self* em questões de interesse comum. Para isso, precisa-se superar a conceituação utilitária depositada sobre as associações e instituições públicas. Por fim, pensamos que o fortalecimento da identidade humana, a se dar em uma ideia moralmente articulada de autenticidade, exige entender que o enfraquecimento dos horizontes morais liga-se ao esquecimento da esfera pública. Disso se segue a concepção de um ‘eu’ desinteressado pela sua orientação dentro do espaço público.

Considerações finais

O presente artigo tratou da identidade humana destacando sua importância dentro do pensamento filosófico. Neste sentido, em um primeiro momento, apontou-se para concepções que o homem elaborou e sustentou em torno de sua existência, a grau de destacar que os limites do conhecimento o impulsionaram à sistematização de explicações acerca da realidade e, como afirmado, sobre si mesmo. Dessa maneira, reconheceu-se a condição constitutiva da identidade humana necessariamente vinculada ao contexto e às relações estabelecidas com o mesmo, a configurar um movimento do homem na busca de uma definição identitária.

Em conformidade com Taylor, reafirmou-se também o alcance do passado no âmbito da ação humana, à medida que este se encontra sedimentado nas estruturas do presente. A partir da história do agente humano, edificam-se narrativas capazes de orientá-lo em um contexto. Segue-se a importância dos construtos sociais no que diz respeito à prática do sujeito. Nesta definição, a formação da identidade humana é deslocada à relação monológica do homem consigo mesmo que se caracteriza pela dispensa das demandas que estão para além de seu *self*. Sendo dessa maneira, discutimos sobre as consequências desta relação sobre a própria manutenção e solidez de uma identidade.

Por fim, acreditamos que a reflexão sobre a identidade humana encontra maiores dimensões que permitem direcionar e enriquecer nossa investigação. Desta forma, projetamos a continuidade e ampliação da discussão dada sua complexidade, bem como pela crucialidade do tema no que consta ao estudo da sociedade contemporânea. Para mais, reconhecemos a contribuição desta pesquisa para o ambiente acadêmico no que consta à disponibilidade deste texto para novas investigações correlatas ao tema.

Referências

ARAÚJO, Paulo Roberto M. de. *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2004.

BARBOSA, Marialva. O filósofo do sentido e a comunicação. *Conexão - Comunicação e Cultura*. Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 139-149, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/issue/view/16>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BARROS, José D'Assunção. Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, ano 9, p. 1-27, jan./fev./mar./abr. 2012. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/370>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COLOMER, Eusebi. *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. El postidealismo: Kierkegaard, Feuerbach, Marx, Nietzsche, Dilthey, Husserl, Scheler, Heidegger. Barcelona: Editorial Herder. Sección de Teología y Filosofía, n. 176, 1990. v. 3.

FORST, Rainer. *Contextos da justiça: filosofia política para além de liberalismo e comunitarismo*. Tradução Denilson Luís Werle. São Paulo: Boitempo, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva*. Tradução Marco Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMES, Felipe Henrique Canaval; MARCON, Gilberto Hoffmann; FURLAN, Reinaldo. Mal-estar, autenticidade e religião em Charles Taylor. *Memorandum*. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, v. 35, p. 65-83, nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6888>. Acesso em: 15 mar. 2021.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante. 10. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

LIMA, Jacqueline de Cassia. O corpo na sociedade moderna a partir da leitura de *As fontes do self: a construção da identidade moderna*, de Charles Taylor. In: XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. *Cadernos do CNLF*, v. 19, n. 8., p. 323-330. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/08/027.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação, 1966.

OLIVEIRA, Isabel de Assis R. de. O mal-estar contemporâneo na perspectiva de Charles Taylor. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 21, n. 60, fev. 2006. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/h8kckg8tvph69dpsBWSchvj/abstract/?lang=pt>>.
Acesso em: 15 mar. 2021.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

PINHEIRO, Jean Rodrigo. *A necessidade do reconhecimento na formação dialógica da identidade pessoal em Charles Taylor*. 2016. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade Palotina, Santa Maria, 2016.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.v. 3.

RODRIGUES, Eurides. Charles Taylor e a secularização como novas condições de crença. *Religare*. Paraíba, v. 12, n. 1, mar. 2015, p. 172-195. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/27257>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. Tradução Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2011.

_____. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *Uma era secular*. Tradução Nélio Schneider; Luzia Araújo. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

WERLE, M. A. (2003). A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista De Filosofia Da Unesp*, 26(1), 97–113. Recuperado de <<https://revistas.marília.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/848>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ZUBEN, Newton Aquiles von. A fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. *Trans/Form/Ação*. Marília, v. 34, n. 2, p. 85-102, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/S88GZKLhd9TXk4b9w4vQYcr/?lang=pt>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Recebido em: 17/09/2023.

Aprovado em 28/12/2023.